

A VIVÊNCIA DA MATERNIDADE: UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS PARA A MULHER CONTEMPORÂNEA

THE EXPERIENCE OF MOTHERHOOD: AN ANALYSIS OF THE CHALLENGES FOR CONTEMPORARY WOMEN

Juliana Barbosa Peccini Rodrigues Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
jupeccini@gmail.com

Maria Eduarda Santonioni Ribeiro Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
mari_avr@hotmail.com

Camila Miranda de Amorim Resende Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
camila.mdamorim@gmail.com

Resumo Considerando as transformações provenientes da maternidade, seus efeitos e implicações para as mulheres, este estudo propõe reflexões e questionamentos a respeito dessa experiência vivida por muitas mulheres sob um ponto de vista histórico e social, com destaque para a vivência da maternidade na contemporaneidade. Dessa forma, buscou compreender a maternidade a partir do contexto histórico; refletir sobre as cobranças sociais para a vivência da maternidade; e destacar as principais especificidades atreladas à vivência da maternidade no contemporâneo. Esta pesquisa é uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e visão sistêmica. Observa-se que a maternidade não é única e universal para todas e, por isso, não deve ser tida como compulsória ou submetida a normas. No que diz respeito às questões do contemporâneo, destaca-se as várias facetas possíveis para a mulher contemporânea, dentre elas, ser mãe. O corpo - considerando suas transformações a partir da maternidade - aparece como um aspecto de destaque, uma vez que pode ser fonte de questões emocionais. Do mesmo modo, evidenciou-se a importância da rede de apoio como elemento fundamental para a prevenção da sobrecarga materna que não só é recorrente como, por vezes, idealizada. Assim, é preciso pensar, enquanto sociedade, sobre a maternidade no contemporâneo, a fim de ampliar os espaços de discussão acerca dessa temática e garantir uma melhor qualidade de vida para essas mulheres.

Palavras-chave Maternidade, Contemporaneidade, Corpo feminino.

Abstract Having regard to transformations from motherhood, its effects and implications for women, this study offers a few thoughts and inquiries about this experience lived by many women from a historical and social point of view, with emphasis on contemporary motherhood experience. Therefore sought to comprehend motherhood from a historical context; think about the social demands from motherhood; and highlight the main specificities of contemporary motherhood. This research is a bibliographic review of qualitative character and systemic vision. It can be seen that motherhood is not unique and universal for everyone, and because of that it should not be taken as compulsory or submitted to standards. As far as contemporaneity, highlights the many possible facets for contemporary woman, among them being a mother. Women's body - considering its transformations from motherhood - appears as an outstanding aspect, since it can be a source of emotional issues. Likewise, emphasize the importance of a support network as a fundamental element for the prevention of maternal overload, that it is not only frequently but sometimes idealized. Thus, it is necessary to think, as a society, about contemporary motherhood, in order to increase discussions about the subject and ensure a better quality of life for these women.

Keywords Motherhood, Contemporaneity, Female body.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 15/07/2023
Publicado em 31/08/2023

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se volta à compreensão das questões que envolvem a maternidade para mulheres no contemporâneo. Esse assunto tem sido extremamente estudado e discutido, devido à sobrecarga de mulheres que se tornam mães e precisam conciliar a maternidade com as outras atividades desempenhadas.

Historicamente, o corpo feminino é visto como objeto de desejo, apropriação masculina e reprodução. A vida da mulher era restrita aos afazeres da casa, cuidados com os filhos e o marido, o que produziu corpos docilizados e obedientes às regras e normas do patriarcado e da sociedade. Essa discussão perpassa por questões políticas e estruturais em nossa sociedade, já que dizem respeito à desigualdade de gênero e ao contexto sexista (ALBERTUNI; STENGEL, 2016, p. 720).

A maternidade é envolta por uma complexidade única e imponderável. Os fatores que se articulam com essa vivência extrapolam o campo da individualidade e singularidade, pois estão relacionados à coletividade e convocam toda a comunidade para questionar, refletir e discutir. A sociedade critica modelos de maternidade diferentes do padronizado, bem como critica mulheres que optam por não ter filhos, ou seja, desagrega da figura feminina o poder de decisão sobre o próprio corpo (TACHIBANA, 2021, p. 439). Importante destacar que, ainda hoje, tem-se uma visão estereotipada de que mulheres sem filhos são infelizes. Essa pressão social é carregada de argumentos em relação à solidão na velhice ou ao discurso do relógio biológico, segundo a perspectiva social (LEAL; ZANELLO, 2022, p. 88).

Este trabalho, de natureza bibliográfica, baseia-se na leitura de livros e artigos relacionados ao tema abordado, o que tornou possível encontrar diversas visões e perspectivas de diferentes autores, facilitando e elucidando a compreensão e o entendimento acerca do fenômeno estudado. A metodologia presente neste estudo tem como abordagem a pesquisa qualitativa, por meio da leitura de livros e artigos científicos referentes à temática mencionada anteriormente. Segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021), o estudo bibliográfico pode produzir uma visão geral e sistêmica a respeito de um objeto de estudo, gerando uma interseção entre perspectivas culturais, identitárias e históricas.

Nesse sentido, este trabalho objetiva contribuir para uma melhor compreensão referente às questões que envolvem a maternidade para as mulheres contemporâneas. Para tal, busca compreender melhor a maternidade a partir do contexto histórico; refletir sobre as cobranças sociais para a vivência da maternidade; e destacar as principais especificidades atreladas à vivência da maternidade no contemporâneo.

1. HISTÓRICO DA MATERNIDADE NA SOCIEDADE

Tratar do histórico da maternidade na sociedade brasileira requer voltarmos ao período em que era recorrente contratar amas-de-leite a fim de alimentar os filhos o que, hoje, possivelmente seria concebido como uma espécie de egoísmo ou indiferença dos pais. Nessa dinâmica, havia um investimento de energia e tempo dos genitores para o cuidado e criação dos filhos bem diferente do que dispomos atualmente.

Esta dinâmica, comum até o século XVIII, pode ser relacionada à elevada taxa de mortalidade infantil da época. Isso denota que o luto, no caso de falecimento do bebê, era vivido de forma diferente, já que não havia intenso apego da mãe à criança. Considerando esse contexto histórico, a prática de entrega dos filhos para adoção era habitual em famílias de alto e baixo poder aquisitivo, ou seja, extrapolava as condições socioeconômicas e as questões de classes sociais, pois era um hábito que compunha a atmosfera social daquele período (ARIÈS, 1986).

A questão da amamentação era considerada como um ato animalesco e desprovida de ordem social e moral. O cuidado com os filhos era visto, na época, como uma ocupação que deveria ser desempenhada por outra pessoa, a ama-de-leite, já que os pais não poderiam abdicar de seus prazeres em função da criança (BADINTER, 1985).

Para compreender o comportamento de rejeição da maternidade pelas mulheres, é preciso recordar-se de que nessa época as tarefas maternas não são objeto de nenhuma atenção, de nenhuma valorização pela sociedade. São consideradas, na melhor das hipóteses, normais; na pior, uma coisa vulgar. (BADINTER, 1985, p. 100)

Diante disso, vale destacar que as atividades maternas não eram fonte de prestígio e reconhecimento social. A ausência de afeto, amor e carinho era preponderante e recorrente nesse contexto, assim como a construção relacional entre mãe e bebê não era sequer considerada. Também neste período histórico, não havia entendimento acerca da infância, ou seja, não existia diferenciação entre adultos e crianças (ARIÈS, 1986).

A partir do final do século XVIII, há uma importante transformação acerca da concepção de maternidade. A atuação do Estado, através do discurso médico, trouxe uma nova compreensão a respeito da importância da amamentação - que envolve fatores nutricionais e também de afeto e acalento para o bebê - no sentido de um desenvolvimento saudável e da redução da taxa de mortalidade infantil. Consoante a estas questões, destaca-se também o impacto social discurso, que, com Winnicott (1999), ressalta que o estabelecimento de vínculo entre a mãe e a criança se dá através do ato de amamentar de forma geral, ato este que possibilita ao bebê experimentar sensações de acolhimento e proteção.

De acordo com Costa (1983), as famílias aristocratas e tradicionais passaram a se submeter ao poder exercido pelo Estado, já que este, por sua vez, propunha preservação da saúde, bem-estar e progresso da população. Neste contexto, vale considerar os papéis e funções sociais que, a partir de então, foram atribuídos, pela sociedade, a homens e mulheres. Estas estavam submetidas a uma esfera

privada e restrita ao contexto reprodutivo. Já a figura masculina era inserida em uma esfera pública, em um contexto de produtividade e atividades laborais (SOUSA; GUEDES, 2016).

Com isso, cria-se a ideia, no imaginário social, que a mãe seria a única pessoa capaz de nutrir e proporcionar o cuidado adequado à criança. Essa construção contribuiu para o fortalecimento de uma sociedade paternalista, marcada por relações hierárquicas, em que a mulher é submissa ao homem. Nesse contexto, a principal tarefa do casal é o cumprimento de uma obrigação social (BADINTER, 1985).

Uma importante transformação relacionada a esta compreensão da maternidade teve início na década de 1960, com a criação do método contraceptivo, conhecido por pílula anticoncepcional, nos Estados Unidos da América (EUA). A partir de sua comercialização, foi possível às mulheres assumirem o controle sobre o próprio corpo, o que propiciou o começo da liberdade sexual e social (SCHMIDT; FREITAS; GOMES, 2022).

Na atualidade, as mulheres dividem as esferas públicas e privadas com os homens. Observa-se a entrada da figura feminina no mercado de trabalho e participação mais ativa dos homens em relação à educação e criação dos filhos. Apesar desse avanço, ainda existe um longo caminho a ser percorrido e desconstruído, pois existem muitas mulheres que vivem em condições de intensa sobrecarga devido a múltiplas jornadas de trabalho, o que provoca consequências e prejuízos à saúde física e mental dessas pessoas (ZART, 2019).

Vale ressaltar ainda que a pandemia da COVID-19 (Coronavírus) foi apontada por Zanello *et al.* (2022), como tendo sido responsável por um aumento ainda maior da sobrecarga feminina, uma vez que as mães, em especial de classes média e média alta, necessitaram conciliar as tarefas domésticas, a atenção aos filhos e as atividades remotas de trabalho, em função do isolamento social.

2. COBRANÇAS SOCIAIS PARA A VIVÊNCIA DA MATERNIDADE

As mulheres na contemporaneidade ocupam comumente diferentes papéis, desempenham diversas funções sociais e são altamente cobradas em todas essas jornadas. Além de assumir as posições de mãe e esposa, a mulher também tem seus próprios desejos, ambições e necessidades na vida pessoal e profissional.

A partir do momento que a mulher foi inserida neste contexto de outras possibilidades identitárias que não apenas ser mãe exigiu-se dela ser excelente profissional além de ser mãe exemplar, sem a possibilidade de falhar em nenhuma das situações, pois ela assumiu um papel novo: o de auxiliar no sustento da família ou de ser a única provedora. (BRUZAMARELLO; PATIAS; CENCI, 2019, p. 3)

Neste sentido, segundo Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), há um movimento reflexivo de mulheres contemporâneas em que elas avaliam o momento ideal para se ter filhos e se desejam ter filhos,

já que atualmente é preciso conciliar essa experiência com a carreira profissional e os outros interesses da vida pessoal.

O fato de vivermos em um contexto cada vez mais individualista e competitivo também configura um fator relevante que contribui para o adiamento de ter filhos na contemporaneidade (EMÍDIO; GIGEK, 2019). Como consequência, é frequente que mulheres decidam abdicar ou postergar a vivência da maternidade, uma vez que muitas optam por priorizar a vida profissional ou por outras questões relacionadas a corpo, por exemplo.

Ainda existe, no entanto, um ideário social de que a felicidade plena e a completude da mulher estão diretamente associadas à maternidade. É como se as mulheres se tornassem seres incompletos e faltantes, caso não experienciem a maternidade (MANSUR, 2003).

Neste mesmo sentido, o amor materno ainda é, por muitos, concebido como incondicional e compulsório e, segundo o corpo social, a mulher é a principal protagonista dessa relação com o filho. No entanto, é preciso destacar que: “o amor materno é apenas um sentimento humano. E, como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito.” (BADINTER, 1985, p. 22). Sendo assim, o amor materno não é vivido do mesmo modo e não se configura como algo almejado por todas as mulheres, uma vez que é construído e não deve ser concebido como uma condição inata.

Desde criança, as mulheres já são associadas a um contexto de maternidade e atividades domésticas, através das brincadeiras. Dessa forma, elas são ensinadas que o cuidado com a casa e com as crianças compõe uma significativa parcela na vida da figura feminina (MARIANO, *et al.*, 2020, p. 1). A escolha da não vivência da maternidade, neste contexto, implica em um enfrentamento social por parte da mulher, em que ela é alvo de olhares estigmatizados e preconceituosos.

Um bom exemplo, talvez o mais comum, é o da mulher sempre culpada por não corresponder às expectativas familiares e sociais enquanto mãe e esposa, seja pela dificuldade em dar conta da dupla jornada, seja por não achar muita graça em passar a maior parte de seu tempo cuidando de uma criança. Outro exemplo, cada vez mais comum, é a mulher que, casada ou não, opta por não ter filhos para dedicar-se exclusivamente a um projeto profissional. Esta também paga sua parcela de culpa, sentindo-se eternamente em dívida com a família, carregando os estereótipos de egoísta, materialista e carreirista. (NUNES, 2011, p. 113)

É importante salientar que, apesar de todas as cobranças e imposições sociais em relação à mulher, a figura feminina não se resume apenas a ser mãe depois de tornar-se uma. Esse é mais um importante e relevante papel dentre tantos outros que ela desempenha (ALBERTUNI; STENGEL, 2016, p. 714).

3. ESPECIFICIDADES DA MATERNIDADE PARA A MULHER NO CONTEMPORÂNEO

A valorização da individualidade é uma crescente em nosso contexto contemporâneo. Com o

advento de alguns movimentos emancipatórios, tem crescido uma ambiguidade entre o ideal de uma boa mãe, presente há mais tempo enquanto cobrança social, e de ser uma mulher independente – este mais recente. O desejo de maternar pode existir, mas, antes disso, há um corpo que deseja e, que antes de se tornar mãe, já era constituído como corpo de uma mulher. A partir disso, é preciso conciliar esses papéis e fazer com que eles coexistam e se complementem (BEHAR, 2018, p. 19).

A construção identitária da mulher está em constante movimento. Segundo Machado, Penna e Caleiro (2019, p. 1122), “a identidade feminina é resultado dos processos históricos, pelas vivências singulares e coletivas, cotidianamente, marcada pelos discursos e valores sociais”. Hoje, com a possibilidade de vivência de tantos outros papéis, as mulheres priorizam e valorizam outros ideais de vida para além de “ser mãe”.

Nunes (2011) ressalta que, muitas vezes, as escolhas de algumas mulheres, singulares e diferentes entre si, não são valorizadas nem respeitadas. Embora se compreenda que a mulher pode ocupar diferentes espaços em esferas públicas e privadas e tem inúmeras possibilidades de escolha, o ideal de mãe devota e dedicada aos filhos ainda se faz presente e é extremamente almejado. Como destacam Lauxen e Quadrado (2018), ser mãe acaba sendo considerado questão central na vida da mulher, segundo os discursos e as imposições sociais, apesar da conciliação da vivência da maternidade com as demais funções sociais.

Afinal, quem é a "mulher contemporânea"? A executiva que comanda uma empresa? A mulher do campo? A mulher que opta por dedicar sua vida aos cuidados com os filhos e à família? A mulher que procura conciliar profissão e maternidade? A mulher que decide não ter filhos? A mulher aprisionada à ditadura do corpo? A adolescente grávida? A mulher solteira? A lésbica? Essa pequena relação mostra que são infinitas as formas de se inscrever em nossa cultura como mulher. E o novo modelo ideal forjado para a mulher contemporânea tende a uniformizar o feminino em torno de um projeto massificante, apagando as diferenças e constituindo-se em um novo torniquete. Um ideal que, embora mantenha as portas abertas para o trabalho feminino, permitindo assim que essa metade da população se torne consumidora, ainda privilegia a função materna, sustentando o paradigma que associou feminilidade e maternidade. (NUNES, 2011, p. 112)

Questões relacionadas ao corpo feminino

As decisões que envolvem a maternidade são frequentemente criticadas socialmente. Caso a mulher decida trabalhar e deixar os filhos na creche ou com babá, haverá questionamentos. Se ela opta por não trabalhar, também existirão julgamentos. E, por fim, caso ela opte por não ter filhos, ela ainda será criticada por sua decisão.

É relevante ressaltar que a objetificação do corpo feminino se faz extremamente presente nesse contexto de discursos de poder. Sob esse ponto de vista, entende-se o corpo feminino como um produto sócio-histórico silenciado, pois é como se houvesse espaços designados para a figura feminina, garantindo a manutenção da ordem e do funcionamento social (MATOS; SOIHET, 2003). Isso

demonstra que há uma visão reducionista, limitada e estigmatizada da mulher, subestimando outras dimensões de sua subjetividade.

Ademais, Tachibana (2021) destaca que existem diferentes realidades e contextos de vida a que as mães estão submetidas. Nesse sentido, Paim (*apud* Tachibana, 2021) assinala que mulheres com maior poder aquisitivo tendem a se preocupar em maior intensidade em relação aos cuidados com o corpo. Já as mulheres de classes sociais menos favorecidas não atribuem significativa importância a essas questões, pois associam a maternidade a uma ideia de superioridade, isto é, elas assumem um papel e uma função social de relevância dentro da comunidade a partir da maternidade.

Tachibana (2021) argumenta também que o culto e a valorização do corpo de uma parcela das mulheres que se tornam mães também podem ser associados a uma ideia de resgate de um corpo desejante e desejado, e não um corpo restrito apenas à nutrição e cuidado com os filhos. O desejo de preservação da identidade se faz presente nessa dinâmica, uma vez que, antes de se tornar mãe, ela já era um sujeito dotado de vontades.

Desde essa perspectiva, seria possível nos questionarmos se toda a preocupação das mulheres grávidas em recuperar o corpo pré-gravídico logo após o parto tenha a ver não apenas com o culto à beleza, conforme discutido previamente, mas também com uma resposta inconsciente ao culto à maternidade. É como se, atravessadas pelo campo “Mãe, porém magra”, as mulheres comunicassem que, na atualidade, não querem ser vistas somente como aquelas que cuidam do bebê, tendo seus corpos domesticados para função da maternidade, mas ansiando serem olhadas como aquelas que se cuidam e que têm uma identidade preservada. (TACHIBANA, 2021, p. 450)

Lauxen e Quadrado (2018) ainda teorizam que algumas mulheres também optam pela não maternidade em função das mudanças corporais que são acarretadas pela maternidade, em especial durante o processo de gravidez. Dentro dessa perspectiva, vale destacar, segundo as autoras, que as transformações biológicas do corpo feminino podem implicar em uma dificuldade de reconhecimento de si, em especial no período pós-parto. Além disso, as imposições sociais também exercem grande influência na decisão da mulher, já que existe essa cobrança pelo alcance de um corpo padrão e ideal, caracterizado frequentemente como saudável.

A mulher mãe no mercado de trabalho e a importância da constituição de rede de apoio

A liberdade de escolha da mulher contemporânea também é atravessada pela escolha/necessidade de conciliar trabalho e maternidade, ou de escolher apenas trabalho, ou somente maternidade. Entretanto, será que essa liberdade é, de fato, usufruída e sentida por essas mulheres? Quais os efeitos das imposições sociais que são exercidas em relação a elas em um período de médio e longo prazo?

De maneira geral, o discurso hoje endereçado às mulheres as incentiva a assumir posições de sujeitos livres e autônomos, em que o trabalho se apresenta como um dos meios de afirmação desse sujeito. Concomitantemente,

permanecem ativos os discursos que destacam as mulheres como mães, esposas e donas de casa. (ALBERTUNI; STENGEL, 2016, p. 721)

Em geral, mulheres com maiores recursos financeiros têm a chance de optar, quando se tornam mães, pela dupla jornada de trabalho ou abdicar – ainda que temporariamente – de seu emprego em função da maternidade. Já as mulheres provenientes de classes sociais mais baixas, frequentemente, não têm a possibilidade de escolha e, com isso, permanecem no trabalho. Geralmente, estas últimas contam com rede de apoio mais escassa ou não contam com rede de apoio e, por isso, ficam extremamente sobrecarregadas ao conciliar as atividades de casa, com os filhos e com o emprego (TACHIBANA, 2021).

O fator financeiro é um importante aspecto a ser considerado, pois é possível que a rede de apoio seja paga, caso a família disponha de condições financeiras para tal. Já algumas mulheres optam por receber ajuda de alguns membros da própria família, como os avós da criança, por exemplo. Essas situações podem variar, uma vez que depende do desejo e da realidade de cada um (RAPOPORT; PICCININI, 2006).

Durante esse período, é natural que haja planos, idealizações e estratégias visando conciliar todas as demandas. Pode haver receio de deixar o filho com outras pessoas, por acreditar que é capaz de suprir e atender a todas as demandas sem ajuda ou auxílio dos familiares e/ou uma outra rede de apoio. Outra questão que também pode estar relacionada a esse contexto é não se permitir descansar por medo de não ser uma boa mãe e até comparar sua realidade com vivências de outras mulheres (ALBERTUNI; STENGEL, 2016, p. 725).

A vivência da maternidade promove uma série de transformações na rotina de todos os diretamente envolvidos, em especial dos pais, e os coloca diante da solicitação e/ou aceitação de uma rede de apoio social ou familiar. Esse apoio pode ser visto como um evento estressor ou como uma contribuição benéfica para a mulher, uma vez que depende dos desejos e das necessidades da mãe naquele momento. (RAPOPORT; PICCININI, 2006). Além disso, a rede de apoio pode apresentar diferenças sociais, culturais e étnicas que podem influenciar na vivência da maternidade. Por isso, é de fundamental importância respeitar a história, a vivência e o contexto social da mãe na escolha da rede de apoio (RAPOPORT; PICCININI, 2006).

Ainda que possa ser vivenciado de muitas formas, a mulher necessita de uma rede de apoio sólida, de cuidado e de acolhimento, não apenas com o filho, mas também com ela. Isso porque, muitas vezes, a atenção dos familiares volta-se à criança e os cuidados com a mãe podem ser negligenciados. A questão da sobrecarga, diante de tantas atividades e tarefas que são atribuídas à mãe, pode estar associada à ausência de uma rede de apoio (RAPOPORT; PICCININI, 2006).

A naturalização da sobrecarga materna está incorporada e capilarizada em nossa sociedade.

Importante destacar que hoje vivemos, como afirmam Arteiro e Passos (2017), em uma sociedade que

valoriza o resultado em detrimento do processo, o que fomenta essa questão acerca de “dar conta de tudo” como algo positivo. Essa situação nos convoca para reflexão dos possíveis desdobramentos acerca da valorização desse esgotamento físico e emocional da figura feminina que se torna mãe. É imprescindível e necessário que se repense a respeito desse endeusamento de mulheres que conciliam inúmeras e múltiplas jornadas de trabalho.

A maternidade no contemporâneo e suas implicações emocionais

Na contemporaneidade, a vivência da maternidade demanda total atenção ao físico e emocional da criança (ZANATTA; PEREIRA; ALVES, 2017), ou seja, a criança é concebida socialmente de modo totalmente diferente do período em que não havia grande implicação e engajamento em relação a esses fatores, como visto com Ariès (1986). Essa alta demanda, atrelada à vivência dos outros papéis, pode trazer impactos para a mulher, como frustração, tristeza, angústia e até mesmo depressão pós-parto e transtorno de ansiedade generalizada.

A participação ativa do pai se faz fundamental neste contexto. É necessário que ele se engaje, de fato, no papel de acolhimento, cuidado e suporte com a mãe e a criança. O pai não pode ser caracterizado como um membro da rede de apoio e sua atuação não deve ser considerada como uma ajuda ou um auxílio à mãe, uma vez que as tarefas devem ser divididas entre ambos.

Destaca-se o apoio do companheiro da mãe como fundamental nesse período de transição e constituição da maternidade. O envolvimento paterno não se refere apenas à divisão de tarefas, mas também ao envolvimento emocional com a mãe e o bebê. (SILVA; SOUZA; SCORSOLINI-COMIN, 2013 *apud* ZANATTA; PEREIRA; ALVES, 2017, p. 4)

Antigamente, o homem era tido como o provedor e mantenedor do lar e da família e, portanto, a função dele era desvinculada do campo afetivo e cuidadoso para com a criança. Todavia, a concepção da paternidade tem apresentado modificações importantes nas últimas décadas. A ideia tradicional de pai indiferente no envolvimento com os filhos tem sido desconstruída e dado lugar a uma concepção que privilegia e valoriza a importância da paternidade no contexto do desenvolvimento dos filhos (DRAGO; MENANDRO, 2014).

Apesar desses significativos avanços, na realidade cotidiana de nosso país, a mãe ainda é quem fica com a maior parte das demandas e responsabilidades dos filhos, devido a um histórico patriarcal que até hoje atravessa as mulheres (FARINHA; COMIM, 2018, p. 190). A sobrecarga, assim, se apresenta como uma realidade fortemente presente na vivência da maternidade.

Queiroz e Bartilotti (2022) destacam que há uma frequente romantização desse esgotamento e dessa exaustão que atribui às mães sobrecarregadas o ideal de guerreiras e privilegia, conseqüentemente,

a alta produtividade feminina que, por sua vez, dificulta que mulheres tenham momentos de fragilidade e vulnerabilidade, pois sempre precisam atender a alguma demanda específica, seja em casa, no trabalho ou com os filhos. Esse modelo ideal e padronizado, almejado por tantas mulheres, não considera as subjetividades e as realidades de cada uma. (QUEIROZ; BARTILOTTI, 2022, p. 24).

Surge então um novo ideal de mulher, aquela que consegue conciliar seus desejos com todas as exigências sociais colocadas sobre ela. Ser bonita, magra de preferência, bem-sucedida profissional e financeiramente ao mesmo tempo que mãe e esposa dedicada. Esse ideal plasma a imagem do que se convencionou chamar de "mulher contemporânea". (NUNES, 2011, p. 112).

Silva e Souza (2021), ao analisarem estes e tantos outros efeitos advindos da vivência da maternidade na atualidade, consideram esse assunto como uma temática de saúde pública e coletiva e destacam que é preciso considerar a saúde da mulher em um contexto biopsicossocial, pois envolve aspectos biológicos, sociais e psicológicos. As mudanças biológicas impostas pela maternidade ao corpo da mulher podem, por exemplo, produzir estresse, oscilações de humor, cansaço, frustrações e, em casos mais graves, ansiedade, depressão e intenso sofrimento (SILVA; SOUZA, 2021).

Existem diferentes formas de experienciar a maternidade, visto que são mulheres diferentes que tiveram mães, criações e realidades também diferentes. No mesmo sentido, há a experiência de um espaço novo, desconhecido e, principalmente, desafiador, que implica em mudanças significativas na vida e na reestruturação do cotidiano dessas mulheres. Nesse novo lugar, as mães constroem uma espécie de identidade materna, assim como experimentam novas possibilidades de reflexão sobre a própria identidade, o que reflete, dentre outros aspectos, na construção da autoestima, como destacam Souza e Ferreira (2005).

A conscientização e a valorização acerca da relevância do autocuidado e do equilíbrio entre as responsabilidades maternas e a identidade da mulher precisam ser amplamente discutidas. Ainda sob essa perspectiva, destaca-se que a produção de uma maior autoestima em mulheres que são mães pode ser estimulada em um espaço de construção do autocuidado onde mulheres que se tornaram mães se reconheçam como pertencentes a um determinado grupo que compartilha vivências e experiências semelhantes (SOUZA; FERREIRA, 2005, p. 21). Essas reflexões são encorajadoras para que as mães priorizem também seus interesses, desejos e outros relacionamentos para além da maternidade. Assim, o apoio social, como o estabelecimento de redes de suporte e acolhimento entre mães, pode desempenhar um importante papel para uma experiência mais saudável e prazerosa de maternidade (SOUZA; FERREIRA, 2005, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados analisados nessa pesquisa, foi possível ter uma melhor compreensão

acerca das principais questões que envolvem a maternidade na atualidade. Destacaram-se, a partir da bibliografia estudada, as imposições sociais para a vivência da maternidade; as questões identitárias da mulher contemporânea; os efeitos das mudanças corporais para a mulher em função da maternidade; a implicação do trabalho da mulher e a formação de redes de apoio na vivência da maternidade; e os possíveis efeitos emocionais atrelados à maternidade no contemporâneo.

Observa-se que estas questões remetem ao ideal de independência e liberdade que hoje perpassa a todos. Fica o questionamento se é possível conciliar a criação de um filho com a manutenção da independência, autossuficiência e, principalmente, a preservação da liberdade tão cara nos dias atuais. A maternidade, deste modo, parece desafiar as certezas e conquistas da mulher contemporânea, uma vez que pode representar uma ameaça à liberdade e à independência da mulher.

A sobrecarga feminina se destaca no que tange à vivência da maternidade no contemporâneo. Sendo assim, como apoiar, escutar e compreender, verdadeiramente, essas mulheres? Qual a nossa responsabilidade, enquanto sociedade, em relação ao apoio e suporte a essas mães e como isso impactará na saúde psíquica delas?

É de suma importância que se repense o protagonismo das mulheres na educação e criação dos filhos, isto é, que se desassocie essa atividade como atividade predominantemente feminina. Nesse sentido, é fundamental estimular e fortalecer a participação ativa dos pais no contexto familiar, assim como de uma rede de apoio consistente e de confiança, a fim de que a maternidade seja mais leve e positiva. Conseqüentemente, será possível promover relações mais saudáveis, mais equitativas e sem sobrecarga às mulheres que se tornam mães.

Outros estudos e discussões a respeito dessa temática ainda podem e devem ser realizados, pois o presente estudo não é capaz de abarcar toda a realidade e o contexto a que essas mulheres estão submetidas.

Referências bibliográficas:

ALBERTUNI, Patricia Shalana; STENGEL, Márcia. Maternidade e novos modos de vida para a mulher contemporânea. Belo Horizonte: **Psicologia em Revista**, v. 22, n. 3, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682016000300011>. Acesso em: 21 abril 2023.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARTEIRO, Isabela Lemos; PASSOS, Maria Consuêlo. **A mulher e a maternidade: um exercício de**

reinvenção. Recife, 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela_lemos_arteiro_ribeiro_lins.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2023.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. Rio de Janeiro: **Psic. Clin.**, vol.19, n.1, p.163 – 185, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/X3dyWtRFFFfy8wnyZMgzgYd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 março 2023.

BEHAR, Rafaela Correia Rodrigues. **A maternidade e seu impacto nos papéis ocupacionais de primíparas**. João Pessoa, 2018. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12177/1/RCRB29062018.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

BRUZAMARELLO, Diogo; PATIAS, Naiana Dapieve; CENCI, Cláudia Mara Bosseto. Ascensão profissional feminina, gestação tardia e conjugalidade. **Passo Fundo: psicol. estud.**, v. 24, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/KqTqBPXwpWHxtmHm9R57H5P/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de abril 2023.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal. Biblioteca de filosofia e história das ciências v. no.5, 1983.

DRAGO, Ágnes Bonfa; MENANDRO, Maria Cristina Smith. A Paternidade e a Maternidade sob o Olhar de Jovens de Classe Média e Baixa: Um Estudo em Representações Sociais. **Revista Colombiana de Psicologia**, vol. 23 no. 2, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0121-54692014000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 26 fev. 2023.

EMÍDIO, Thassia Souza; GIGEK, Thaís. “Elas não querem ser mães”: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade. Rio de Janeiro: **Trivium** vol.11 no.2., 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912019000200007>. Acesso em: 7 março 2023.

FARINHA, Ana Julia Queiroz; COMIM, Fabio Scorsolini. Relações entre não Maternidade e Sexualidade Feminina: **Revisão Integrativa da Literatura Científica**. Passo fundo: Rev. Psicol. IMED vol.10 no.1., 2018. Disponível <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272018000100013>. Acesso em: 9 maio 2023.

LAUXEN, Jéssica; QUADRADO, Raquel Pereira. Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade. Porto Alegre: **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, ed. especial, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.clac.org/index.php/relacult/article/view/775/426>>. Acesso em: 06 abril 2023.

LEAL, Daniele Fontoura da Silva; ZANELLO, Valeska. Não Tenho Filhos e Não Quero”: Questões Subjetivas Implicadas na Opção pela Não Maternidade. Brasília: **Revista Psicologia e Saúde**, v. 14, n. 3, 2022. Disponível: <<https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/1949/1408>>. Acesso em: 10 julho 2023.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Claudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde debate**, v. 43, n.123, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gNVpQTVhSW8GhbJfhsNv8K/?lang=pt>>. Acesso em: 03 maio 2023.

MANSUR, Luci Helena Baraldo. Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. São Paulo: **Psicol. cienc. prof.** v. 23 n. 4, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/qnKD9ggzVd4DvzpJVvNvtcx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 12 abril 2023.

MARIANO, Jéssica da Costa *et al.* Famílias contemporâneas, monoparentalidade e a experiência da maternidade solo. **Revista Científica UMC**, ed. especial PIBIC, 2020. Disponível em: <<http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1483/935>>. Acesso em: 15 março 2023.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. **Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade:** o corpo feminino em debate. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/C8FS6sY8NZwTpDL34J4CTjv/?lang=pt>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. Rio de Janeiro. **Psic. Clin.** vol. 23, n. 2, 2011. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/zdgTVQcDQzsFZCxnrGtW6db/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 março 2023.

QUEIROZ, Amanda de Oliveira; BARTILOTTI, Carolina Bunn. **Ser mãe ou não ser, eis a questão:** um estudo sobre os aspectos da romantização da maternidade e da maternagem que influenciam na decisão das mulheres de terem filhos ou não. Artigo científico (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Psicologia) - Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, Santa Catarina, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/29328/1/TCC%20ARTIGO%281%29.pdf>>. Acesso em: 28 abril 2023.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. Porto Alegre: **Rev. Bras. Crescimento Desenv. Hum**, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19783/21851>>. Acesso em: 5 março 2023.

SCHMIDT, Gustavo Ferreira; FREITAS, Jonathan Abner Jeronimo; GOMES, Natalia Santos. **Percepção Histórica:** a mulher no mercado de trabalho. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/31051/1/Percep%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%20-%20A%20mulher%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2023.

SILVA, Flaviana Ferreira da; SOUZA, Nicolli Bellotti de. Romantização da maternidade a saúde psíquica da mãe. **Revista Científica Online**, v13, n1, 2021. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/ROMANTIZACAO_DA_MATERNIDAD_E_E_A_SAUDE_PSIQUICA_DA_MAE.pdf Acesso em: 2 maio 2023.

SOUSA, Luana Passos; GUEDES, Dyego Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estud. av.**, v. 30, n. 87, 2016. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 maio 2023.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Uberlândia: **Cadernos da Fucamp** v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>>. Acesso em: 29 maio 2023.

SOUZA, Daniela Borges Lima de, FERREIRA, Maria Cristina. Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. Maringá: **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/c6CNcsqTtpchrcYcz3PJ4Df/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 25 maio 2023.

TACHIBANA, Miriam. O Corpo em Pauta: a preocupação de gestantes sobre o momento após o nascimento do bebê. Uberlândia: **Contextos Clínicos**, v. 14, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/c6CNcsqTtpchrcYcz3PJ4Df/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

WINNICOTT, Donald Woods. Os bebês e suas mães. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. São João Del Rei: **Pesqui. prá. Psicossociais**, vol.12 no.3, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/c6CNcsqTtpchrcYcz3PJ4Df/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 março 2023.

ZANELLO, Valeska *et al.* Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. Brasília: **Rev. Estud. Fem.**, v. 30, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zGZmKbD67GCXCyC8mKmwSj/#> Acesso em: 26 maio 2023.

ZART, Paulina Ely. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminina e o aprincípio da igualdade**: reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico. Lajeado, 2019. Disponível em: <<https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/d49e09b0-7092-4714-8ca3-9c3ad4d43082/content>>. Acesso em: 26 maio 2023.